

MARCOS DE MORAES SOUSA

**O PAPEL DA COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE RUBIATABA NO
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

2003

FACER



O PAPEL DA COOPERATIVA DE CRÉDITO DE RUBIATABA NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Monografia apresentada à disciplina Estágio Supervisionado como parte integrante das exigências para a conclusão do curso de Administração com habilitação em Administração Rural.

Prof. Orientador: Ms. Mário Ávila

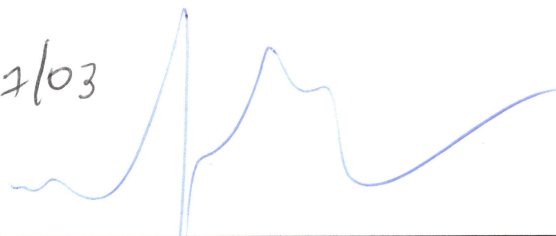
26459
saem

Tombo nº	2414
Classif.:	A-658.11:334.73
Ex.:	1 MARCO S. SOUSA
	2003
Origem:	d
Data:	09.03.04

MARCOS DE MORAES SOUSA

O PAPEL DA COOPERATIVA DE CRÉDITO DE RUBIATABA NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

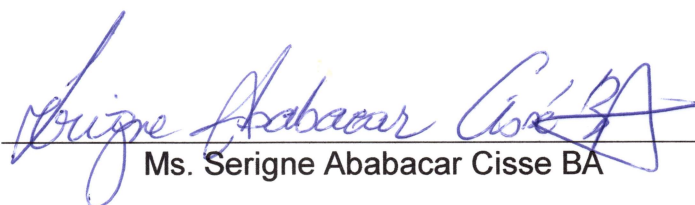
APROVADA em 26/07/03



Ms. Mário Lúcio de Ávila
(Orientador)



Enoc Barros



Ms. Serigne Ababacar Cisse BA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que permitiu minha existência e chegar até a este momento, à minha família que é o porto seguro onde sempre tenho apoio na hora em que tudo parece falhar, ao país pacífico e acolhedor em que vivo e a empresa onde trabalho que permite os recursos financeiros necessários para que eu possa investir na minha capacitação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba. Assim que ingressei nesta Instituição eu participei de uma palestra onde o professor dizia assim “explore bastante os professores”, então o fiz incansavelmente durante o desenvolver de meu curso.

Agradeço ao professor e amigo Március, que foi meu parceiro neste trabalho e que contribuiu através de nossos diálogos, aprendi muito com ele.

Um agradecimento especial se faz necessário, meu orientador não foi apenas orientador, mas um mestre que me influenciou e me ajudou a compreender melhor a vida acadêmica, me despertou para a necessidade de superação do indivíduo e certamente são aprendizados que me acompanharão pela minha vida. Obrigado Mário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1. Cooperativismo e sua História	13
2.2 Cooperativismo de Crédito	14
3. COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE RUBIATABA.....	16
3.1. Histórico e Caracterização.....	16
3.2. Perfil do Cooperado.....	19
3.3. A Cooperativa na Ótica dos Cooperados	23
4. AGRICULTURA FAMILIAR	30
4.1. Agricultura Familiar em Rubiataba – Perfil do Agricultor.....	31
4.2. Perspectivas de Desenvolvimento Local em Rubiataba	33
5. REFLEXÕES SOBRE O COOPERATIVISMO DE CREDITO, A AGRICULTURA FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO LOCAL EM RUBIATABA.....	35
6. ALTERNATIVAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR EM RELAÇÃO AO CRÉDITO.....	36
7. AÇÕES SUGERIDAS E CONCLUSÕES	37
BIBLIOGRAFIA	38

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 01. Organograma da Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba – 2003	16
Tabela 01. Operações de crédito	18
Tabela 02. Composição da carteira de crédito por setor	18
Tabela 03. FATES	18
Gráfico 01. Tempo de Ingresso na Cooperativa pelo Conselho de Administração e Fiscal	19
Gráfico 02. Faixa etária dos cooperados	19
Gráfico 03. Tempo de ingresso dos cooperados	20
Gráfico 04. Percentual de cooperados X Capital integralizado	20
Gráfico 05. Faixa etária dos conselheiros	21
Gráfico 06. Grau de instrução dos conselheiros	22
Gráfico 07. Grau de instrução dos colaboradores	22
Gráfico 08. Qualificação dos cooperados	23
Gráfico 09. Participação na administração da Credigoíás-Rubiataba	24
Gráfico 10. Interesse em participar da administração da Credigoíás-Rubiataba.....	24
Gráfico 11. Informação sobre os produtos e serviços aos cooperados	25
Gráfico 12. Percentual de uso de outras instituições bancárias	26
Gráfico 13. Participação em assembleias	27
Gráfico 14. Motivação dos associados quanto à participação nas assembleias	27
Gráfico 15. Grau de satisfação dos cooperados	28
Gráfico 16. Prioridades de ação na Credigoias-Rubiataba	28
Gráfico 17. Grau de importância da Credigoíás na atividade do cooperado	29

RESUMO

No atual contexto de aumento da produtividade, diminuição de custos e um acirramento constante da concorrência, o cooperativismo de crédito rural desempenha importante papel no agronegócio.

O cooperativismo busca soluções aos problemas sociais através da associação de pessoas e da gestão democrática e igualitária, fortalecendo seus cooperados.

O presente trabalho analisa o papel da Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba no desenvolvimento local, baseando-se na análise das associações rurais presentes em nosso município, o perfil desses associados e quais as ações das associações na busca do crédito.

Discute-se igualmente no presente trabalho, a inclusão dos agricultores familiares no sistema cooperativo tradicional, buscando consolidar o crédito como elemento emancipador e inovador aos mesmos, diferentemente do que acontece até então em grande parte do tradicional modelo cooperativo atuante no crédito rural.

A história e as ações, bem como as políticas de crédito e inclusão adotados pelo sistema cooperativo de crédito atual demonstram claramente a existência de dois "pólos" que coexistem e interagem dentro de limites tênues e não excludentes, entretanto, consolidando diferenças histórias na agropecuária brasileira.

Palavras-chave: Desenvolvimento local; Cooperativismo; Cooperativismo de Crédito.

ABSTRACT

In the current context of increasing productivity, decreasing costs and of constant pressure of the competition, the Rural Cooperativism Credit plays an important role in the agribusiness.

The cooperativism looks for solutions to the social problems through the people's association with democratic and equalitarian management, strengthening their cooperates.

The presente study analyzes the role of the Rural Cooperative Credit of Rubiataba in the local development, furthermore, analyzes the Rural associations, the associates's profile and the actions of these ones in the search for credit.

It is discussed indeed in the present paper, the inclusion of family farmers in the traditional cooperative system, aiming to change the current cooperative system consolidating the credit as an empowered and innovative system.

The history and the actions, as well as the credit politic and inclusion adopted by the Rural Cooperative Credit system show the existence of two "pole", that coexist clearly and interact inside limits, consolidating historical differences in the brazilian agriculture.

Keywords: Local development; Cooperativism; Rural Cooperative Credit.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em um estágio avançado do capitalismo, no entanto ele não foi capaz de diminuir as desigualdades, pelo contrário, o que ocorreu foi uma grande concentração de riqueza, acentuando as diferenças.

O cooperativismo surgiu como conhecemos hoje no século XIX, justamente para ser uma alternativa àquele ambiente insalubre de trabalho, propiciando através da cooperação e não da competição a satisfação das necessidades humanas.

O presente trabalho inicialmente faz um retrospecto no cooperativismo e com ênfase no cooperativismo de crédito no Brasil, mundo e em Goiás Posteriormente estuda a Credigoiás-Rubiataba, o perfil dos cooperados, seus anseios e sua atuação, também nesta linha mostrou-se necessário incluir um estudo nas Associações de Agricultores Familiares do município de Rubiataba.

Dada a tradição cooperativista do município de Rubiataba e a necessidade urgente de ações que conduza ao desenvolvimento local, qual a contribuição que a cooperativa de crédito oferece para esse desenvolvimento.

Desta forma, o objetivo do trabalho foi compreender a Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba como agente de desenvolvimento local; discutindo o papel das cooperativas de crédito enquanto agência de desenvolvimento ou banco comercial de pequeno porte. Analisar a satisfação dos cooperados quanto à atuação da cooperativa enquanto agência de desenvolvimento. Compreender as ações da cooperativa enquanto agência de desenvolvimento.

O estudo foi realizado sob a forma de um Estudo de caso, envolvendo a Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba, estruturado de forma a contemplar a investigação da Cooperativa enquanto agência de desenvolvimento local vista sob o enfoque teórico, pelo ponto de vista dos cooperados e dos gestores sob o tema em questão, além das ações da cooperativa.

A coleta de dados para o estudo foi feita através de pesquisa bibliográfica e documental; entrevistas com os gestores da cooperativa, com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rubiataba, com o presidente da Central das

Associações de Agricultores familiares de Rubiataba. Utilizou-se de um questionário semi-estruturado, com perguntas abertas e fechadas; fontes secundárias e outras.

A amostra utilizada na pesquisa na Credigoíás-Rubiataba foi composta por uma amostra aleatória simples de 20.83%. Os questionários foram aplicados com 50 cooperados, em um universo de 240 cooperados. O critério adotado foi o tempo de ingresso do cooperado na cooperativa, foram selecionados de acordo com a proporção de ingresso. Após definir a percentagem, foi feita uma lista em ordem alfabética destes cooperados, elegendo-se de três em três nomes, caso algum desse errado, seria escolhido o que vinha logo em seguida.

Com o decorrer da pesquisa ficou demonstrado que o cooperado tinha um perfil urbano, pois, de todos os cooperados entrevistados apenas um tinha como empreendimento exclusivamente agrícola, todos os outros tinham atividades urbanas, ficando claro que não havia participação de agricultores familiares. Para comprovar isso foi necessário uma análise destes agricultores. Assim, foram coletados os dados disponíveis na Central das Associações de Agricultores Familiares de Rubiataba.

A Central congrega 10 das 12 associações do município de Rubiataba sendo aproximadamente 240 famílias, deste universo 120 famílias responderam a um questionário recentemente, o que foi bastante útil para traçar um perfil destes associados.

Através de entrevista com representantes das associações de agricultores familiares e do sindicato dos trabalhadores rurais ficou constatado pequena participação dos agricultores rurais na Credigoíás-Rubiataba, então para constatar essa informação, na Assembléia Ordinária no dia 23-04-2003 da Central de Associações, estavam presentes nove das dez associações, a associação que não estava presente era a Associação do Córrego do Mutum, no entanto pertence a essa cooperativa apenas 18 famílias associadas, foram perguntados sobre quantos associações eram cooperados da Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba, foram apontados 6 cooperados, sendo 3 da Associação do Cruzeiroiro, e 3 da Associação Rural Verde. Isso mostra que o perfil do cooperado da Credigoíás-Rubiataba, não é o mesmo dos agricultores familiares dessas associações.

Desta forma, este trabalho vem discutir o atual posicionamento do cooperativismo de crédito, no intuito de contribuir com uma discussão atual e

necessária do cooperativismo, amplamente pronunciada pelo atual Governo Federal e que pode ser um poderoso instrumento de inclusão social.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Cooperativismo e sua História

O cooperativismo existe desde os primórdios da humanidade, foi encontrado nas sociedades mais primitivas, há exemplos de cooperação em todas as épocas históricas.

A cooperação é encontrada nas formas de economia coletiva dos romanos, na pastagem comunal, na floresta comunal, na criação de gado comunal.

Os babilônicos organizaram-se em associações parecidas com nossas associações de arrendamento de terras.

Os povos germânicos desenvolveram-se mantendo associações que foram responsáveis pela realização de atividades como: drenagem, irrigação, diques, dentre outros.

Os hebreus viviam em tribos, com a criação coletiva de animais e com o cultivo de oliveiras, figueiras, vinhas e cereais.

Encontramos desta forma, ajuda mútua e cooperação por toda a história do homem, manifestando a necessidade de sobrevivência.

O cooperativismo, da forma que conhecemos hoje, teve como propulsor a Revolução Industrial no século XIX, transformando a relação de produção e trabalho. O artesão, que desenvolvia seu produto de forma artesanal, foi obrigado a vender sua mão-de-obra em troca de salário, devido ao grande desenvolvimento industrial e urbano.

Assim, a produção em série e a especialização trouxeram grande desenvolvimento e progresso, no entanto, o assalariado foi explorado trazendo com isso problemas sociais graves como, por exemplo: longas jornadas de trabalho; trabalho infantil e feminino com mão-de-obra barata; etc.

Houve com isso muitas demissões, ocasionando um desajuste social. Neste ambiente, surgiram várias formas de oposição ao liberalismo econômico como: sindicatos, associações de operários, comitês, cooperativas.

Diante destes problemas, surgiu o pensamento dos socialistas utópicos, dentre esses destacam-se: John Bellers, Charles Gide, Charles Fourier e Robert Owen, estes dois últimos foram sobremaneira importantes, Charles Fourier idealizou os falanstérios que eram grandes comunidades onde todos os serviços eram

comuns, Robert Owen é considerado o iniciador do movimento cooperativo, substituiu a competição pela cooperação combatendo o lucro, patrocinou a criação da Pioneiros Equitativos de Rochdale em 1844, o que representa um marco para o cooperativismo, pois lançou os valores e princípios que norteiam até hoje.

A “Rochdale Society of Equitable Pioneers”¹ foi criada no condado de Lancashire, Manchester, Inglaterra por 27 homens e uma mulher artesões, registrada em 24 de outubro de 1844, na cidade de Rochdale, abriram um armazém para a venda de provisões que eram repassados aos cooperados pelo mesmo valor, ou seja, sem lucros. Posteriormente compraram e construíram casas aos membros e como alguns estavam passando grandes necessidades eles iniciaram uma linha de produção para eles.

Até os anos 60, houve grande desenvolvimento das cooperativas no Brasil, através de ações do regime militar foram fechadas muitas cooperativas, limitando e estabelecendo diversas exigências. Essas ações tiveram repercussão durante os anos 70 e parte dos anos 80.

As cooperativas foram estimuladas a partir de então, com o apoio do Estado, vinculando-as às cooperativas de produção, ocorreu com isso uma exclusão dos agricultores familiares, como diz Bittencourt (2001):

“As cooperativas agropecuárias, incentivadas pelo Estado, haviam adotado um padrão de desenvolvimento rural baseado em um nível tecnológico não compatível com as condições socioeconômicas e culturais vividas pelas unidades de produção familiar. Como consequência de um instrumento para o desenvolvimento rural e local, as Credis (Cooperativas de Crédito Rural) transformaram-se em algo desvinculado da realidade de um grande número de agricultores familiares”.

2.2 Cooperativismo de Crédito

O Cooperativismo de Crédito surgiu na Alemanha em 1850, inicialmente, atendendo às necessidades ruralistas no tocante às movimentações econômicas, pois criava condições, para que a população mais pobre do campo, pudesse ter alternativas para sair da miséria e melhorar de vida, principalmente depois que uma política de desenvolvimento deixou os agricultores endividados, foram criados caixas

¹ Pioneiros Equitativos de Rockdale

de socorro. Posteriormente, migraram para atividades urbanas, seguindo os mesmos moldes.

No Brasil o Cooperativismo de Crédito iniciou em 1902, com a Cooperativa Caixa Rural de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, com o padre jesuíta suíço Theodor Amstadt, cujo modelo, era aplicado junto a pequenas vilas e comunidades rurais e que funciona ainda hoje.

No Estado de Goiás, o cooperativismo de crédito teve início nos anos 50, assim como no restante do país e passou por grandes dificuldades nos anos 60. Somente à partir de 1980 é que começou novamente a se restabelecer com o apoio do Estado e vinculado às cooperativas de produção.

Com a criação da COCECRER-GOIÁS – Cooperativa Central de Crédito Rural de Goiás Ltda. – em 1990, permitiram-se grandes oportunidades às cooperativas de crédito goianas. Hoje o Estado de Goiás é um dos eficientes no sistema.

Em 1996 é fundado o Bansicredi (Banco do Sistema Sicredi S.A.) e em 1997 o Bancoob (Banco Cooperativo do Brasil S.A.). Esses bancos são criados pelas cooperativas centrais, com o objetivo de atuar no mercado financeiro, permitindo assim, maior rentabilidade e acesso a repasses e juros subsidiados pelo Governo Federal, fornecendo ainda serviços antes limitados somente aos bancos comerciais.

Apesar de ainda engatinhando, no Brasil há 1.066 Cooperativas de crédito, com 2.137 pontos de atendimento, 1.127.955 cooperados e 21.157 empregados (dados da OCB de dezembro de 2002). Para se ter uma idéia da importância do cooperativismo de crédito no restante do mundo, atualmente existem 20.000 agências de crédito cooperativo na Alemanha, 18.500 na Inglaterra e 3.000 na Holanda.

3. COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE RUBIATABA

3.1. Histórico e Caracterização

Rubiataba tem tradição no ramo cooperativo. Há neste município cinco cooperativas: cooperativa de crédito, cooperativa agropecuária, cooperativa agroindustrial de produção de álcool, cooperativa agroindustrial de processamento de carnes e derivados, cooperativa mista dos agricultores familiares de Rubiataba.

Possui também diversas associações: no âmbito rural possui 12 associações, com 10 associações filiadas na Central de Associações e uma demonstra interesse de associar-se, abrangendo mais de 240 famílias.

A Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba foi criada há dez anos. Possui 280 associados, dos quais 240 ativos e 40 inativos e patrimônio líquido de aproximadamente R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais).

A Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba – Credigoíás-Rubiataba - é uma cooperativa singular² ligada à Credigoíás Central que é uma central de cooperativas³ e ao Banco Cooperativo do Brasil BANCOOB.

Tem sete funcionários, três possuem curso superior, quatro com ensino médio completo e um concluindo.

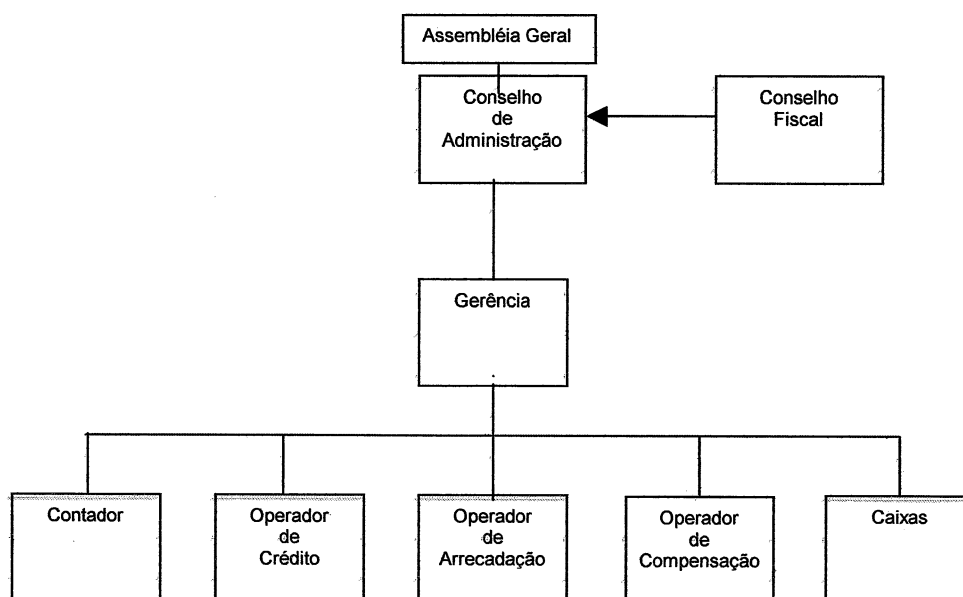


Figura 01 – Organograma da Cooperativa de Crédito de Rubiataba (2003)

² Caracteriza-se pela prestação direta aos associados.

³ São constituídas de, no mínimo, três (3) singulares.

O conselho de administração é o responsável pelo planejamento, elaboração de normas internas da cooperativa. Na Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba é composto por: Presidente, Vice-presidente e mais sete conselheiros.

O conselho fiscal é o órgão responsável pela fiscalização dos atos administrativos da cooperativa, composto por seis membros: três efetivos e três suplentes.

A gerência é responsável pela administração gerencial da agência e pela gestão dos recursos, segundo Bittencourt (2001) "*deve ser honesto, tenham vontade e facilidade para aprender novos temas, responsabilidade administrativa e política*".

O contador é responsável por todos os trâmites contábeis. O Operador de Crédito faz análise financeira para liberação de recursos; o Operador de arrecadação trabalha com a arrecadação de duplicatas, cobranças e outros documentos; o Operador de compensação fica a cargo das exigências do Sistema Brasileiro de Pagamento, compensação de cheques e todos os documentos compensáveis; os Caixas fazem os procedimentos corriqueiros de movimentação, ou seja, pagamentos e recebimentos diários.

Os produtos oferecidos pela Credigoíás-Rubiataba são: Conta corrente, talão de cheques e limite em conta corrente (cheque especial); depósito a prazo cooperativo (espécie de poupança); recebimento de contas (água, luz, telefone, dentre outras); pagamento de funcionários de cooperativas; crédito pessoal; crédito rural com recursos próprios; crédito rural com repasse de recursos oficiais; desconto de cheques, seguro automóvel, seguro de vida, débito automático de tarifas, crédito pessoal, seguro predial, previdência privada, débito de GPS (Guia de recolhimento da previdência social). Com esta gama de serviços os cooperados têm a sua disposição praticamente todos os serviços que a rede bancária oferece, com a vantagem de que quanto mais utilizar os serviços da cooperativa mais estará contribuindo para o fortalecimento da mesma.

De 1998 para 2001 houve um crescimento de 154,47% nas operações de crédito, fechando 2001 com uma Carteira de Crédito de R\$ 2.019.798 (dois milhões, dezenove mil e setecentos e noventa e oito reais). O Crédito Rural alcançou um crescimento de 671,34% de 1998 a 2001.

Estão assim discriminados no Relatório da Administração:

Operações de crédito:

Operações de Crédito	12/2002	12/2001	12/2000
Empréstimos e Títulos Descontados	2.191.040	1.783.464	1.156.060
Financiamentos Rurais e Agro-Industriais	166.009	296.849	189.853
Rendas a apropriar	(93.209)	(60.513)	(10.718)
(-) Provisões para Perdas em Operações de Crédito	(173.886)	(32.524)	(12.688)
Total	2.089.954	1.987.276	1.322.506

Tabela 01. Operações de Crédito

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002/2003

Composição da Carteira de Crédito por Setor de Atividade:

Setor de Atividade	12/2002	12/2001	12/2000
Setor Privado			
Pessoa Física	1.997.955	1.400.718	847.382
Pessoa Jurídica	248.202	322.233	300.000
Rural	897.826	296.849	187.813
Total	2.246.157	2.019.800	1.335.195

Tabela 02. Composição da Carteira de Crédito por Setor

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002/2003

Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social – FATES (corresponde a 10% das sobras líquidas):

Descrição	31.12.2002	31.12.2001	31.12.2000
Saldo no início do período	85.974	66.507	52.302
Utilização no período	(8.527)	(11.582)	(7.452)
Destinação conforme estatuto social	(42.328)	(31.049)	(21.657)
Saldo no final do período	119.775	85.974	66.507

Tabela 03. FATES

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002/2003

3.2. Perfil do Cooperado

Os seguintes dados foram coletados na Cooperativa de Crédito de Rubiataba e nos permite traçar um perfil do cooperado, ajudando assim a compreender a relação do cooperado com a cooperativa.

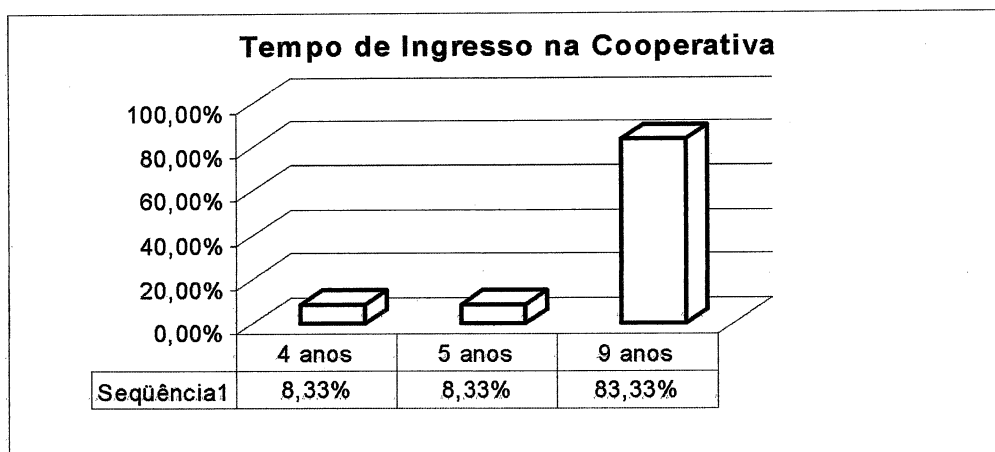


Gráfico 01 Tempo de Ingresso na Cooperativa pelo Conselho de Administração e Fiscal

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Como pode ser observado no gráfico 01, 83,33% dos membros do conselho de administração e conselho fiscal são associados a cerca de nove anos, ou seja são sócios fundadores da cooperativa.

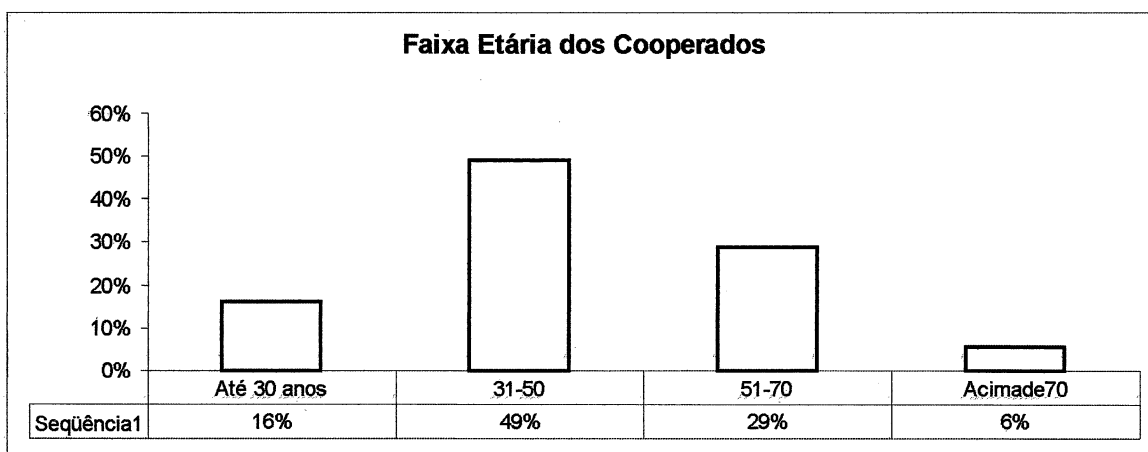


Gráfico 02: Faixa Etária dos Cooperados

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

A distribuição etária dos cooperados demonstrou que a grande maioria dos cooperados 49% tem entre 31 e 50 anos, 29% tem entre 51 e 70 anos, 16% tem até 30 anos de idade e apenas 6% dos cooperados tem acima de 70 anos. Estes dados revelam que os cooperados em sua grande maioria, 66% dos cooperados têm menos de 50 anos, representando um perfil relativamente jovem e com amplas possibilidades a médio e longo prazo.

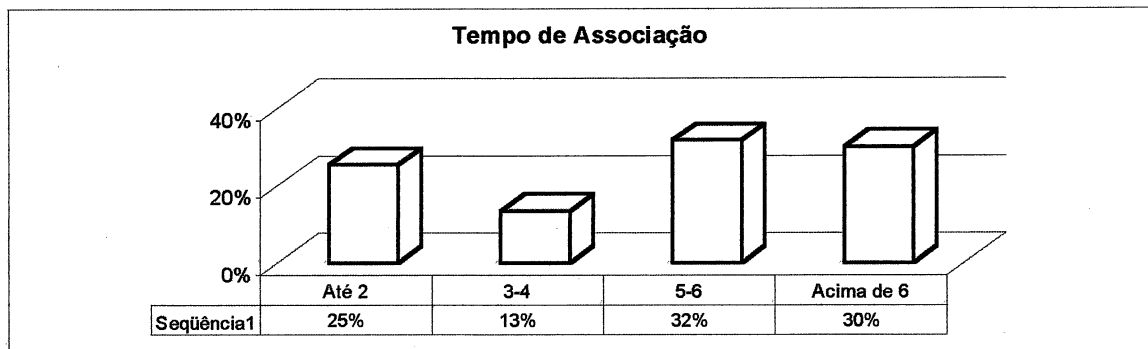


Gráfico 03: Tempo de Ingresso dos Cooperados

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Como pode ser observado no gráfico nº 03, 30% dos associados são associados a mais de 6 anos, 32% são associados há cerca de 5 a 6 anos, 13% se associaram de 3 a 4 anos e 25% são associados recentes ou seja a menos de 2 anos. De acordo com estes dados há cerca de 5 anos até 2 anos atrás foi muito pequeno o número de pessoas que buscaram se associar a cooperativa, já há cerca de dois anos houve um aumento considerável do número de cooperados.

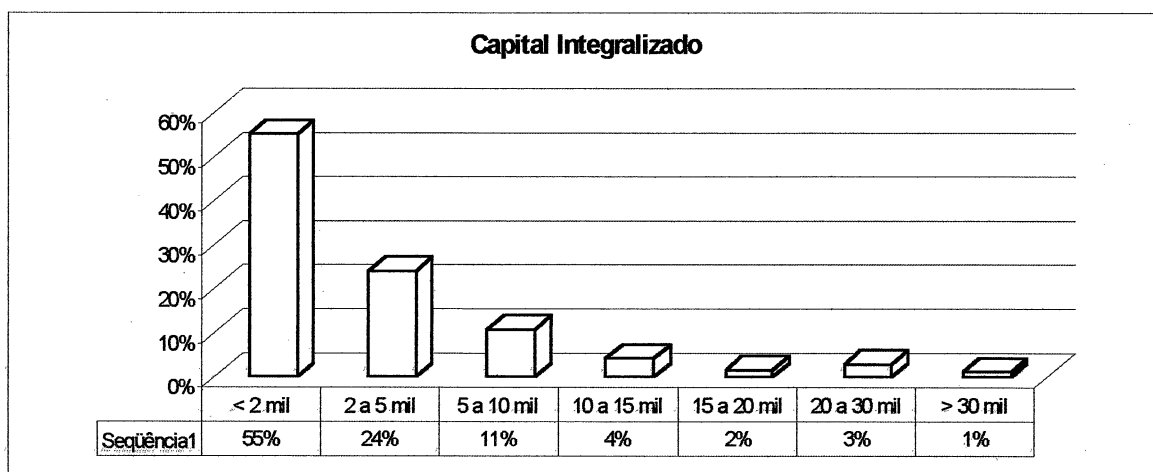


Gráfico 04: Percentual de Cooperados X Capital Integralizado

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Os dados elencados no gráfico nº 04 demonstram que 55% dos associados possuem individualmente menos de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) cada, 24% dos associados possuem individualmente entre R\$ 2.000,00 (dois mil reais) e R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) cada, 11% dos associados possuem individualmente entre R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e R\$ 10.000,00 (dez mil reais) cada, 4% dos associados possuem individualmente entre R\$ 10.000,00 (dez mil reais) e R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) cada, 2% dos associados possuem individualmente entre R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) e R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) cada, 3% dos associados possuem individualmente entre R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) e R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) cada, e apenas 1% dos associados possuem individualmente mais de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais). Isso mostra que maioria dos cooperados, 55% possuem menos de R\$ 2.000,00 (dois mil reais), pode ser por vínculos com outra instituição bancária ou por ser pequenos produtores, sendo que é mais razoável observar que seja os vínculos com outras instituições.

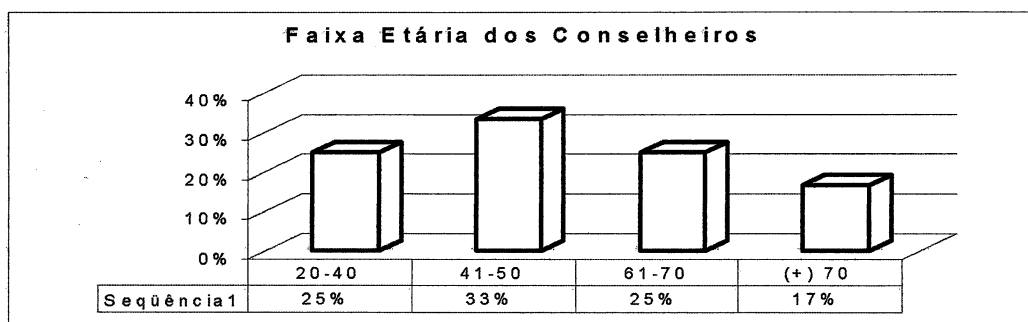


Gráfico 05: Faixa Etária dos Conselheiros

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

De acordo com o gráfico 05, 33% dos conselheiros estão com idade entre 41 e 50 anos, 25% entre 20 e 40 anos, 25% entre 61 e setenta anos e 17% com idade superior a 70 anos de idade. Isto representa um conselho capaz de espelhar as expectativas dos cooperados devido ao equilíbrio de idades apontadas.

Como é demonstrado pelo gráfico nº 6, 42% dos conselheiros possuem curso superior, e 58% ensino médio. Sendo que mesmo os que não possuem curso universitário gozam de ampla experiência administrativa.

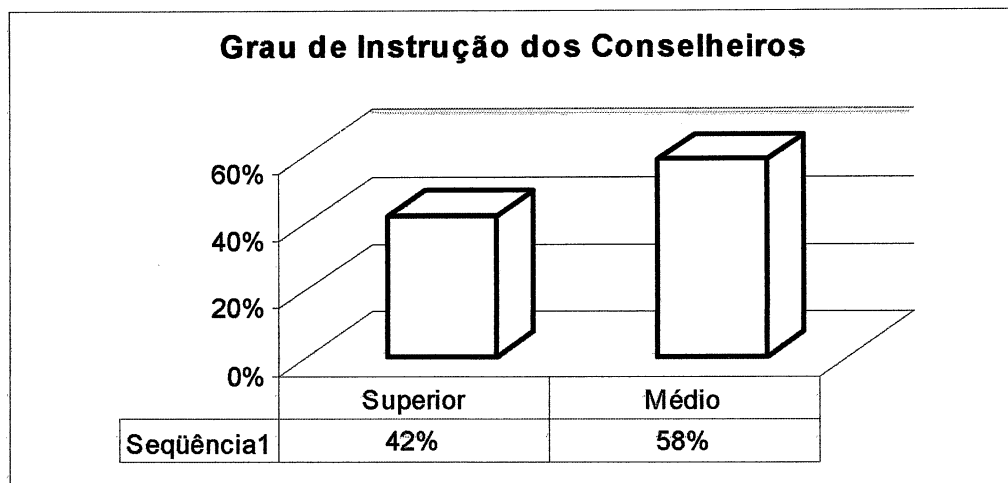


Gráfico 06: Grau de Instrução dos Conselheiros

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Como é demonstrado no gráfico 7, 57% dos colaboradores possuem curso superior. Sendo que 50% destes concluíram o curso universitário com o auxílio financeiro da cooperativa, e quanto aos que ainda não estão cursando uma faculdade, estão sendo incentivados a voltar a estudar. Este fator pode ser aproveitado na definição de metas e estratégias.

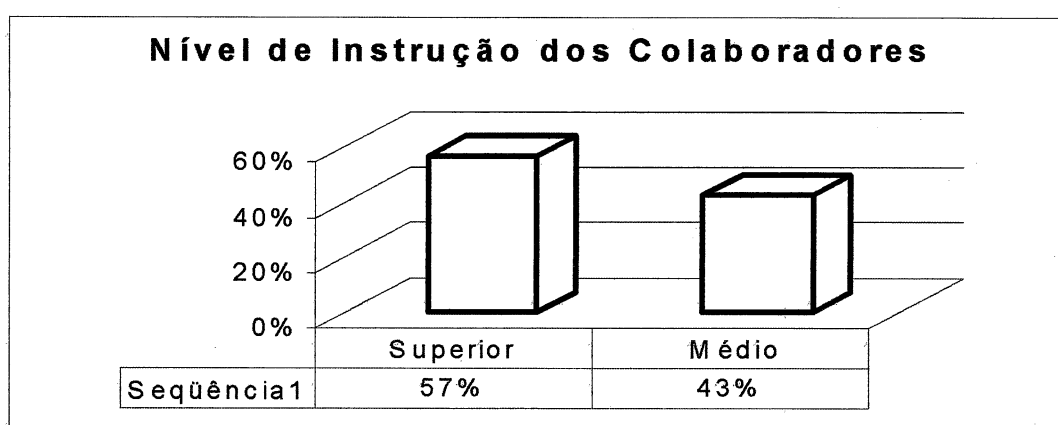


Gráfico 07: Grau de Instrução dos Colaboradores

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Com relação ao enquadramento dos associados, a grande maioria dos participantes do sistema é composto por pessoa física. No entanto, a detentora de maior fatia de capital integralizado na cooperativa é um cooperado de personalidade jurídica.

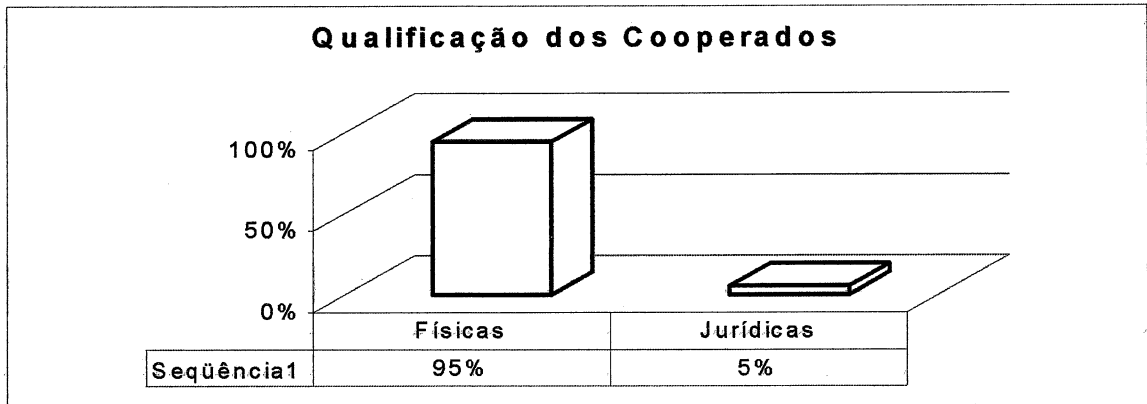


Gráfico 08: Qualificação dos Cooperados

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

A legislação não estabelece claramente quantas poderiam ser as pessoas jurídicas, entretanto no caso da Credigoíás-Rubiataba, o percentual de pessoa jurídica é de apenas 5%, e pessoa física 95%. Pode ser devido as limitações, pois as empresas jurídicas que podem se associar são apenas as pessoas jurídicas sem fins lucrativos e as que exploram as atividades rurais.

3.3. A Cooperativa na Ótica dos Cooperados

Para obter mais dados sobre o perfil do cooperado da Credigoíás-Rubiataba, foi aplicado um questionário amplo, visando verificar alguns aspectos sobre a relação entre cooperado e cooperativa.

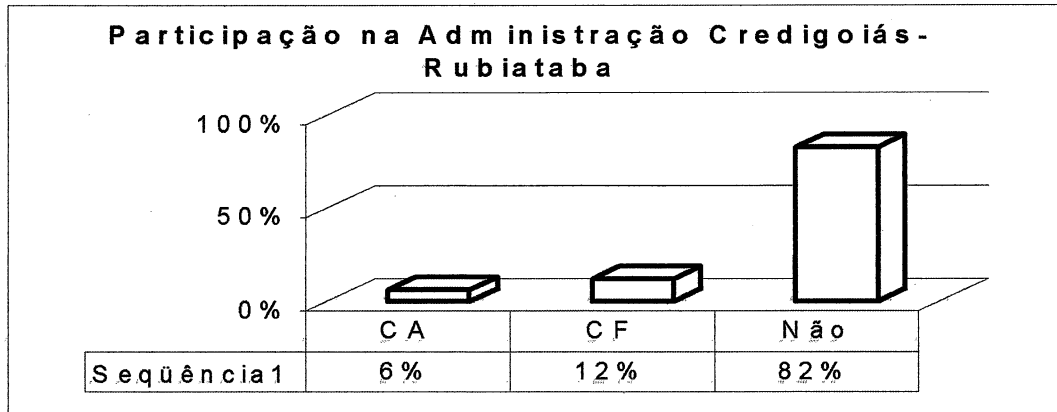


Gráfico 09: Participação na Administração Credigoíás-Rubiataba

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

O gráfico 09 revela que 6% dos cooperados participaram do Conselho de Administração, 12% do Conselho Fiscal e 82% nunca participaram da administração da cooperativa.

Com relação ao interesse em participar da administração da Credigoíás-Rubiataba, temos:

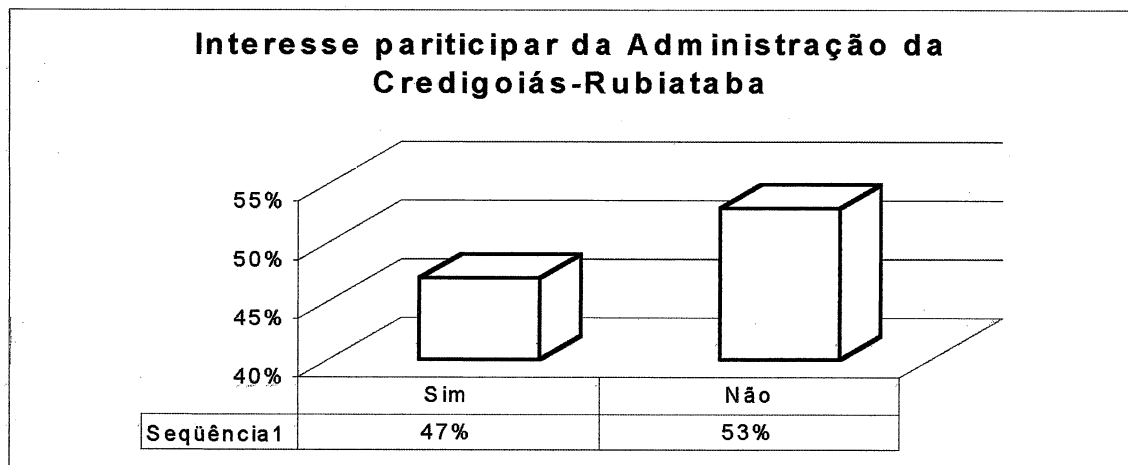


Gráfico 10: Interesse em participar da Administração da Credigoíás-Rubiataba.

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

O gráfico nº 10 revela que existe um anseio muito grande por parte de 47% dos cooperados em participar da administração da cooperativa, revela ainda que 53% dos cooperados jamais gostariam de participar da administração da cooperativa.

Com relação à oferta de informações da cooperativa, o gráfico a seguir demonstra que os cooperados estão insatisfatoriamente informados das ações da cooperativa.

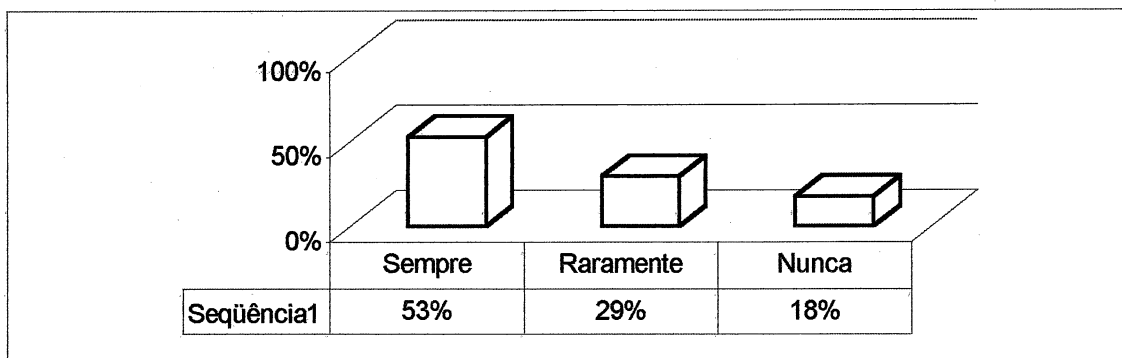


Gráfico 11: Informação sobre os produtos e serviços aos cooperados.

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002/2003

O gráfico 11, demonstra um baixo grau de satisfação do cooperado quanto às informações sobre serviços que a cooperativa oferece. Apenas 53% dos cooperados se sentem bem informados sobre os produtos e serviços da cooperativa, 29% ainda declararam que razoavelmente estão bem informados e 18% afirmaram que nunca foram informados sobre nenhum produto ou serviço.

Ficou evidenciado pelos dados da pesquisa, que produtos importantes e vantajosos aos cooperados oferecidos pela cooperativa, não estão sendo utilizados: seguro de vida, previdência privada e seguro predial. As aplicações financeiras rendem aproximadamente 100% a mais que a caderneta de poupança, mas apenas 6% dos cooperados a utilizam. O crédito pessoal tem sido utilizado apenas por 18% dos associados. E o seguro automóvel por apenas 6% dos associados.

Importante também perceber a utilização por parte dos cooperados de outras instituições bancárias.

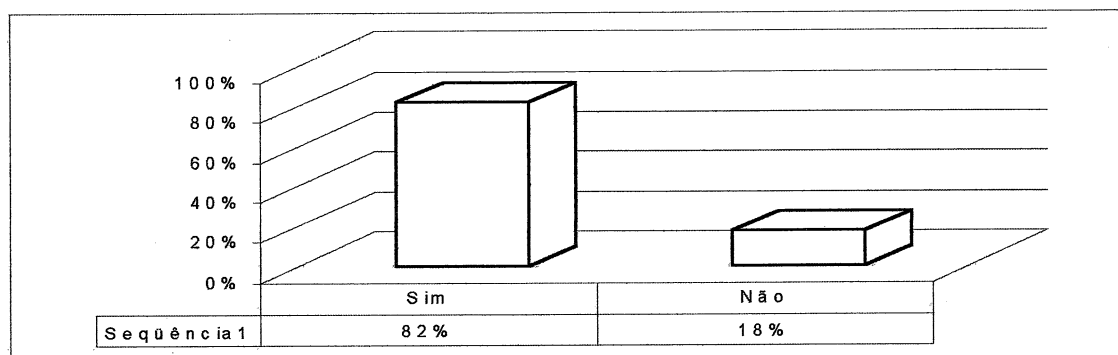


Gráfico 12: Percentual de uso de outras instituições bancárias

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Conforme demonstra o gráfico 12, 82% dos associados têm algum tipo de movimentação bancária em outra instituição e apenas 18% dão exclusividade a cooperativa.

De acordo com a análise dos dados obtidos, os principais concorrentes da cooperativa são o Banco do Brasil e o Bradesco. Na questão expositiva, a movimentação no Banco do Brasil se deve ao crédito rural de longo prazo e no Bradesco a tradição de possuir conta corrente na instituição há muitos anos, visto que é a agência bancária mais antiga da cidade.

Outra importante constatação é referente às assembléias, tendo uma participação de 92% dos associados.

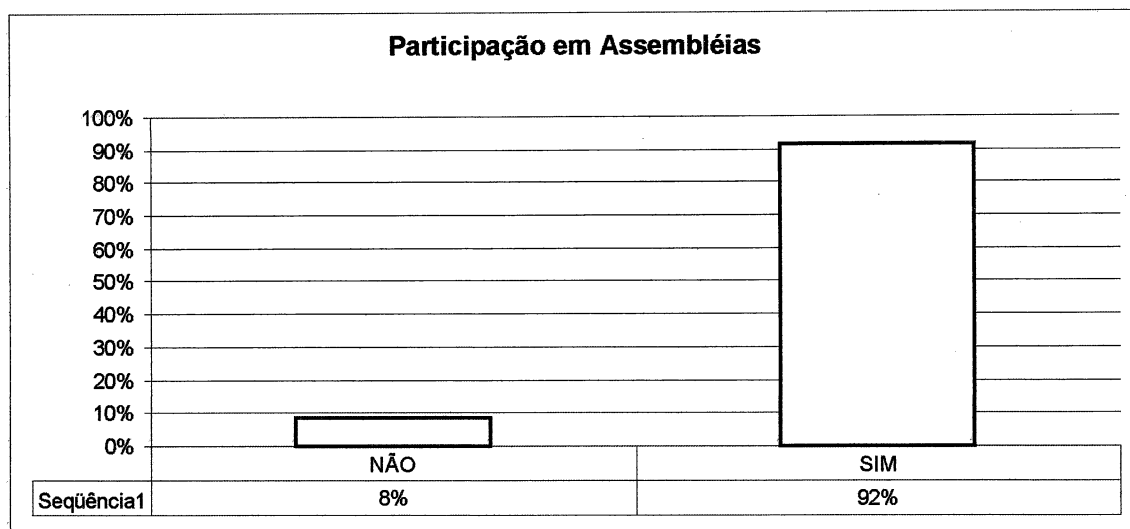


Gráfico 13: Participação em assembléias

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

É importante ressaltar que a participação nas assembléias resulta principalmente das eleições e confraternizações, ficando a participação em decisões relegada a simples 6% dos respondentes. O gráfico a seguir ilustra esta situação.

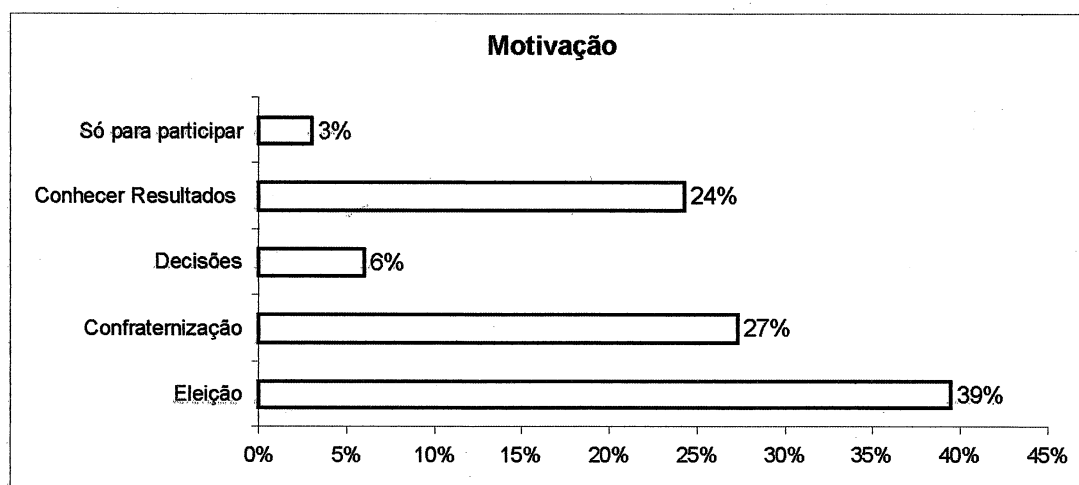


Gráfico 14: Motivação dos associados quanto à participação nas assembléias.

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Apesar de grande dificuldade com relação à participação e descentralização, a cooperativa apresenta alto grau de satisfação entre os cooperados. Evidenciado pela alta taxa de resposta nos níveis ótimo e bom, totalizando 76% dos respondentes.

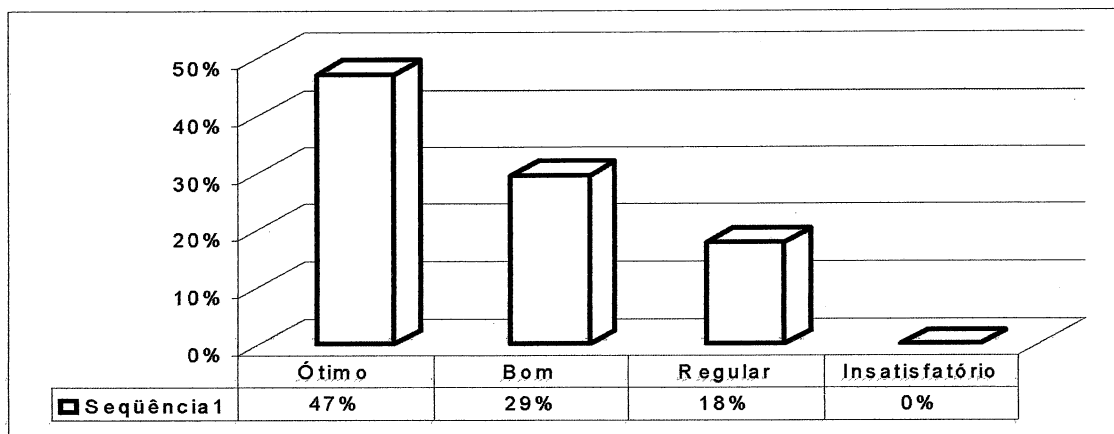


Gráfico 15: Grau de Satisfação dos Cooperados

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Como forma de obter do próprio cooperado soluções para os problemas mais comuns enfrentados pela administração da cooperativa foram eleitas algumas prioridades de ação para sanar os pontos fracos na visão dos cooperados quanto ao sistema. O gráfico a seguir ilustra os principais pontos citados.

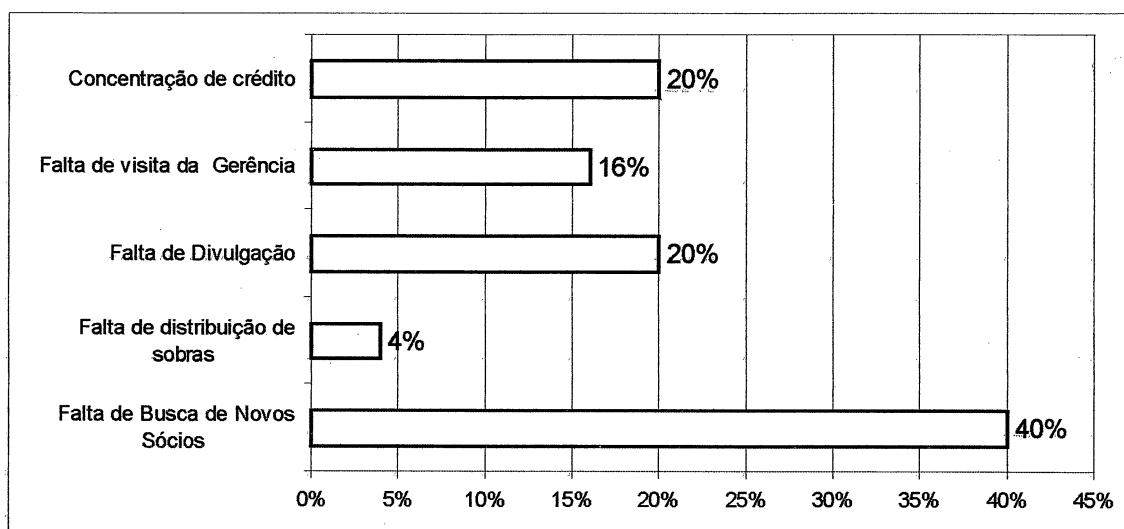


Gráfico 16: Prioridades de ação na Credigoíás-Rubiataba.

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

Conforme demonstra o gráfico nº 16 foram citados pelos cooperados 5 pontos fracos: Falta de busca de novos sócios 40%, Falta de divulgação dos produtos e serviços 20%, Concentração de crédito 20%, falta de visita da gerência 16%, e falta de distribuição das sobras 4%.

Na questão referente ao grau de importância da Credigoíás-Rubiataba na sua atividade, 35% dos cooperados dão muita importância a cooperativa na sua

atividade econômica, 47% dão média importância, para 18% a cooperativa não representa nenhuma importância.

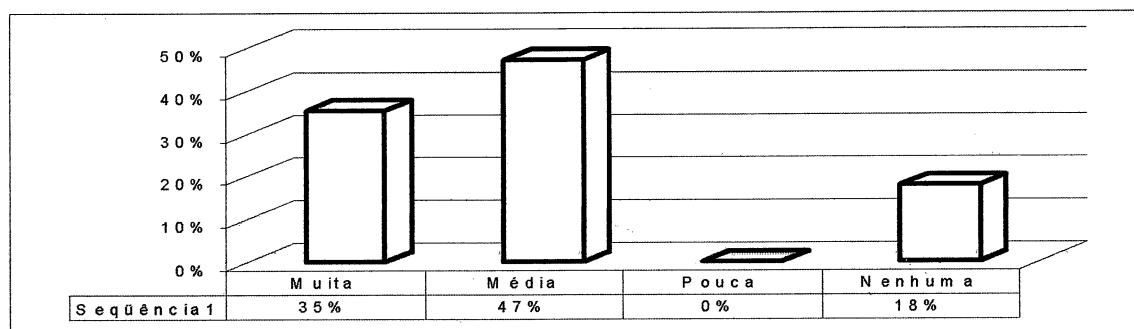


Gráfico 17: Grau de importância da Credigoíás na atividade do cooperado

Fonte: Credigoíás-Rubiataba, 2002

4. AGRICULTURA FAMILIAR

Em toda parte as buscas por alternativas para o desenvolvimento local vêm se consolidando nos últimos anos. O crédito, a extensão rural, a assistência técnica, as telecomunicações são fatores indispensáveis, aliados aos conhecimentos e suas implicações que levariam ao sucesso da agricultura e também da agricultura familiar. No entanto, a chave para viabilizar este acesso e consolidação encontra na organização sua maior barreira. Produtores pouco representados politicamente, organizações de interesse mútuo pouco efetivas e outros fatores mais, fizeram com que somente a partir de 1990 os agricultores familiares e organizações representativas e de apoio ao meio rural começaram a vislumbrar a oportunidade de democratização do crédito.

Em 1993 no Brasil foi criada a primeira cooperativa de crédito vinculada a agricultores familiares em Santa Catarina (BITTENCOURT, 2001).

No Paraná a criação de cooperativa de crédito vinculada a agricultores familiares ocorreu em 1995 sendo inaugurada em 1996 formando um sistema próprio denominado Sistema Cresol de Cooperativas de Crédito com Interação Solidária Ltda. fazendo uma separação das cooperativas de produção das cooperativas de crédito.

Em 2001 o sistema Cresol já tinha expandido para toda a região sul possuindo 15.500 agricultores associados.

Com as conseqüências das mudanças econômicas ocasionadas pela globalização, encolhimento do papel do Estado, privatizações, busca da qualidade e produtividade, houve uma exclusão de muitos postos de emprego e conseqüente alienação de alguns trabalhadores. Assim muitos buscaram refúgio na solidariedade cooperativista (PINHO, 2000).

Pinho (2000) mostra dois aspectos da conseqüência do plano real no cooperativismo, primeiro *“o aumento acelerado da descapitalização e, conseqüentemente, a diminuição do capital de giro, dos investimentos”*, atingindo principalmente as cooperativas agrícolas e de consumo que já estavam com problemas; segundo *“necessidade urgente de programas de Qualidade e*

Produtividade para que as cooperativas possam racionalizar sua administração e reduzir custos, mas conservando o enfoque nos clientes internos e externos”.

Pinho (2000) afirma que as cooperativas no período do Plano Real limitaram a reposição de equipamento indispensável, perdendo qualidade e competitividade frente às empresas capitalistas que trabalham no mesmo segmento. Pondera, no entanto, que algumas categorias de cooperativas tem tido um grande desenvolvimento, como exemplo as cooperativas de trabalho enquanto as cooperativas de consumo tem declinado.

Outra tendência, apoiada pelas universidades são as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, objetivando a inclusão de excluídos, assim, existem hoje docentes e pesquisadores de várias áreas e lugares, No Brasil existem 30 universidades que desde 1998 vem desenvolvendo essa prática de solidariedade (PINHO, 2000).

4.1. Agricultura Familiar em Rubiataba – Perfil do Agricultor

Demonstrou-se com os cooperados selecionados para o desenvolvimento da pesquisa na Credigoiás-Rubiataba que não havia agricultores familiares, pelo contrário, todos residem na cidade e apenas um dos entrevistados tinha no negócio rural sua única fonte de renda, os outros respondentes tinham negócio urbano.

Com esta observação ficou de fundamental importância investigar sobre a agricultura familiar em nosso município, seu perfil, seus anseios e discutir a razão da exclusão destes na procura por crédito.

Há em Rubiataba além da Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares de Rubiataba 12 associações de pequenos produtores rurais, sendo que 10 são filiadas à Central de associações.

Dos pequenos agricultores filiados à Central, há aproximadamente 240 famílias, que possuem em média propriedades de 12,85 alqueires (o equivalente a 60 hectares aproximadamente), de acordo com a Agência Rural de Rubiataba para enquadrar como Agricultura Familiar a propriedade deve ser de até 4 módulos

fiscais⁴, o tamanho do módulo fiscal no município de Rubiataba é de 30 ha, assim a propriedade deve ter entre 30 e 120 ha, ou 6.20 e 24.79 alqueires, a renda anual bruta deve ser de R\$ 30.000,00 e 80% no mínimo da receita deve ser da atividade agropecuária, a família deve morar na propriedade rural ou aglomerado urbano próximo, assim um produtor rural que enquadre como agricultor familiar em Rubiataba não pode por exemplo morar em Ceres. Os agricultores que participam da central são todos caracterizados como agricultores familiares.

A renda principal destes origina-se do leite para 66% dos entrevistados e os outros possuem na produção de hortaliças, gado de corte e outras atividades a origem principal de dinheiro.

Cerca de 50% dos entrevistados acreditam ser necessário a reforma de pastagens para melhor utilização e maximização de resultados. Em média os produtores possuem 40 animais, produzindo cerca de 50 litros de leite diário. Dentre os respondentes, 16% possuem resfriador de leite.

Identificou-se junto aos produtores a intenção para a diversificação de atividades visando melhorar a renda da propriedade e cerca de 35% acreditam que a produção de hortaliças seja uma atividade interessante, outros 24% acreditam que podem obter esta diversificação através de pomares e criação de suínos.

Estes pequenos produtores esbarram com freqüência na ausência de crédito e assistência para elevar seus níveis de produtividade, escolher com mais propriedade a alternativa correta para suas fazendas e por conseqüência elevar a renda média da família.

Confirmando a tese de (BÚRIGO, 1999) sobre a concentração de crédito, sempre excluindo os pequenos e os agricultores familiares.

“a política agrícola brasileira foi triplamente concentradora, pois privilegiou: produtos (destinados à exportação e à transformação agroindustrial), áreas (regiões sul e sudeste) e produtores (médios e grandes agricultores). Priorizando apenas o setor agrícola modernizado, promoveu-se um crescimento desuniforme do interior do país. Essas medidas forma seletivas e excludentes, mesmo na região sul onde a presença da agricultura familiar é majoritária, o volume de recursos foi pouco expressivo comparando com o volume destinado aos grandes produtores”.

⁴ Módulo Fiscal é uma medida de área que tem por objetivo definir um tamanho mínimo para que haja subsistência e progresso social e econômico desempenhando assim a função social, o tamanho varia de acordo com a região.

Mesmo em períodos de extrema dificuldade, como foi nos anos de inflação galopante os recursos foram direcionados,

Com o quadro recessivo dos anos 80, observou-se o reforço de privilégios para algumas agroindústrias e cooperativas agropecuárias que trabalhavam com produtos voltados à exportação, beneficiando-os em determinados momentos com subsídios fiscais e de financiamentos com juros reais negativos.(BÚRIGO 1999)

Outro ponto de extrema importância, que caracterizou as Cooperativas de Crédito no Brasil foi *“a vinculação das cooperativas de crédito (credis) e as cooperativas agropecuárias (Cooper): As credis tradicionais selecionam o público beneficiado (normalmente, os agricultores mais capitalizados da comunidade)”*. (BÚRIGO 1999)

Loureiro (1981) toca em um ponto de importante de discussão, ela diz que *“a cooperativa na realidade tem se definido cada vez mais como um eficiente instrumento a serviço do capital e de seus mecanismos de dominação”*.

4.2. Perspectivas de Desenvolvimento Local em Rubiataba

Surgiu em Rubiataba há dois anos e meio a COOMAFAR, Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares de Rubiataba, que é uma cooperativa de agricultores familiares, com o objetivo de reunir agricultores familiares, pequenos produtores, meeiros, parceiros ou arrendatários para diversificar a produção em Rubiataba. Segundo o presidente da Central das Associações, Carlos Eduardo da Silva Lima, o foco não é o leite nem a cana de açúcar, mas, outras culturas, como exemplo o figo, eles perceberam que grande parte do figo é produzida em São Paulo, Minas Gerais e também importada do Chile, assim, constitui de uma oportunidade, em nossa região o figo é de boa qualidade. Assim, o figo foi o primeiro alvo da Cooperativa, hoje, tem procura de até 100 toneladas de figo. Há outros projetos, no entanto eles estão tendo dificuldade de conseguir crédito, principalmente porque os agricultores familiares não têm as garantias que o banco exige.

A COOMAFAR tem 23 cooperados sendo 14 ativos, com apenas um integrante cooperado da Credigoíás-Rubiataba⁵.

Segundo Carlos (2003), a principal dificuldade para associação na Credigoíás-Rubiataba é a quota parte de integralização⁶, ele fala que o atendimento é muito bom, só que, para o agricultor familiar que está necessitando de crédito, essa quota inviabiliza a associação, mesmo parcelada.

Encontra-se em fase de discussão ainda a possibilidade de constituir uma cooperativa de crédito do tipo CRESOL (em Goiás o nome é CRESCER), que é uma Cooperativa de Crédito Solidário, objetivando atender pequenos produtores, esse tipo de cooperativa de crédito tem a característica de não ser vinculado a cooperativas de produção e capital social em torno de R\$ 5.000,00 a R\$ 5.500,00, o que é bem baixo, com número mínimo de 20 sócios, tem cinco Cooperativas deste tipo atuando em Goiás.

⁵ É importante ressaltar que ele também é associado no sindicato patronal e é visivelmente o de maior poder aquisitivo.

⁶ Essa quota é de 10 arrobas de vaca.

5. REFLEXÕES SOBRE O COOPERATIVISMO DE CREDITO, A AGRICULTURA FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO LOCAL EM RUBIATABA

Percebemos a exclusão dos agricultores familiares do acesso ao crédito. Caso a Cooperativa do sistema Cresol fosse efetivada, incluiria esses agricultores, fortalecendo suas organizações, através do crédito e de informações, caminhando para a emancipação destes participantes.

Búrigo (1999), divide as cooperativas de crédito “tradicionais”, vinculadas aos bancos cooperativos e as cooperativas de crédito “alternativas” e as do sistema Cresol, estas últimas ele ressalta: “...preocupam-se em valorizar a presença de agricultores familiares, ampliar a democratização do uso do crédito rural e fortalecer o desenvolvimento local”.

É bastante oportuno salientar uma observação de Búrigo (1999), sobre a vinculação das cooperativas de crédito (credis) e as cooperativas agropecuárias (Cooper): “As credis tradicionais selecionam o público beneficiado (normalmente, os agricultores mais capitalizados da comunidade)”.

A exclusão dos agricultores familiares das cooperativas se deu por diversos fatores,

“As coopers tornaram-se, em certos casos, grandes empresas agro-industriais. Este processo acabou impondo níveis tecnológicos não compatíveis com a realidade da maioria das unidades familiares de produção agrícola, além de levar a uma seleção dos tomadores de crédito, já que este estava disponível somente aos que adotassem o padrão tecnológico recomendado. Assim, parcelas significativas dos agricultores familiares abandonaram o sistema cooperativista”. (BÚRIGO, 1999).

6. ALTERNATIVAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR EM RELAÇÃO AO CRÉDITO

Durante os últimos três anos, tem sido intensas as discussões sobre as organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIP's) como um novo marco nas organizações não governamentais (ONG's) dada as características gerais que estas possuem, sobretudo a transparência nas contas, as possibilidades de atuação em esferas diversas, as articulações inter-institucionais e as parcerias possíveis com governo e iniciativa privada.

As OSCIP's podem constituir-se na alternativa mais viável para o crédito solidário, inclusive para a agricultura familiar.

O Estado de Goiás tem no Banco do Povo, constituído sob a lei 9609/99 que institui as OSCIP's um exemplo que atualmente é seguido por diversos outros estados da federação.

A organização com gestão democrática e participativa tem inúmeros benefícios que podem ser explorados pelos agricultores familiares e, sobretudo, oferecem perspectivas muito mais amplas ao crédito como elemento de desenvolvimento que as cooperativas de crédito qual molde apresenta-se hoje.

Não constitui elemento de discussão deste trabalho o papel das OSCIP's, muito menos pretende-se esgotar o assunto ou mesmo polemizar com adeptos do cooperativismo de crédito, apenas oferecer algo mais na tentativa de organizar a agricultura familiar excluída das formas tradicionais de crédito, na busca por novas alternativas para sua emancipação.

Evidencia-se com esta pesquisa, a dissonância existente entre o crédito e a agricultura familiar. Novos rumos podem estar sendo trilhados no atual contexto político e econômico do país, que colocou o agronegócio no seu devido lugar dado a importância que o mesmo representa para as contas públicas. A agricultura familiar agora começa a ser tratada com respeito e dignidade, aguarda-se apenas que perdurem as intenções e se realizem as ações.

7. AÇÕES SUGERIDAS E CONCLUSÕES

Este trabalho foi um esforço inicial na busca da emancipação e empoderamento dos agricultores familiares, percebemos que o crédito desempenha um papel decisivo para que haja justiça social e a função social seja cumprida, havendo assim desenvolvimento e progresso econômico.

Percebemos que as cooperativas têm um importante papel no desenvolvimento, no entanto, elas devem definir o seu papel de agente ativo nesse processo, como observa BÚRIGO (1999):

“Adotando uma visão Bancária, o Sistema parece estar, agora, mais preocupado em consolidar uma estratégia nacional de conquista de mercado financeiro e o atendimento de necessidades dos setores em que prevalece a agricultura comercial”.

Para que ocorra responsabilidade social, é necessário que a “visão” da cooperativa esteja voltada não apenas pela lógica financeira ou de rentabilidade econômica, mas que esteja voltada para a lógica de desenvolvimento.

Com um projeto recente denominado “Vaca Boa”, temos em nosso município a oportunidade de fazer com que a interação entre instituições de ensino, iniciativa privada, governo e associações, possam vir a elevar a produtividade e qualidade dos agricultores, fornecendo informações que serão bastante relevantes neste contexto e se constituir assim de elemento de fortalecimento do desenvolvimento local.

Há também em curso uma pesquisa na Central de Associações que brevemente fornecerá dados mais amplos sobre a agricultura familiar em nosso município.

Com esse perfil de associativismo de Rubiataba, é bastante salutar que pesquisas e trabalhos posteriores venham investigar sua participação e ação. Existe a necessidade de aprofundar os estudos na Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba bem como em outras cooperativas. É oportuno haver essas investigações, pois, propiciará conhecermos melhor seu papel e avaliar as conseqüências em nossa comunidade.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Ricardo; VEIGA, José Eli (1999) – “Novas instituições para o desenvolvimento rural: o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) – *in* GUEDES, Vicente, G. F. e SILVEIRA, Miguel Ângelo – A agricultura familiar com base do desenvolvimento rural sustentável – EMBRAPA/CNPMA – Jaguariúna – SP.

BENATO, João V. Azolin. **Cooperativismo: Encontros e Desencontros**. 2. ed. São Paulo: ICA, 1994, 101 p.

BITTENCOURT, Gilson Alceu. **Cooperativas de Crédito Solidário: Constituição e Funcionamento**. 2 ed. rev. 2001

BÚRIGO, Fábio Luiz. **Cooperativa de Crédito Rural: Agente de Desenvolvimento Local ou Banco Comercial de Pequeno Porte?**, 1999.

COLEMAN, James S. (1990) – **Foundations of Social Theory** – The Belknap Press of Harvard University Press – Cambridge, Londres.

FRANCO, Augusto de. Por que precisamos de Desenvolvimento Local integrado e Sustentável? Separata do Número 3 da Revista SÉCULO XXI, Brasília: **MILLENNIUM** – Instituto de Política, Janeiro 2000.

MARQUES, Benedito Ferreira. **Direito Agrário Brasileiro**. 4.ed. rev. Atual. Goiânia: AB, 2001, 296 p.

GOIÁS (Estado). Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Goiás – OCG. **Cooperativismo Passo a passo: manual de orientação**. Goiânia, 2000, 3 ed.

JÚNIO, Oscar Faria. **Ética e Cooperativismo: Contribuição para a formação do homem cooperativista**. Ribeirão Preto: Paulista, 2001, 75 p.

LIMA, Reginaldo Ferreira. **Legislação Cooperativista**. Brasília: Santa Clara, 2001, 204 p.

LOUREIRO, Maria Rita et al. **Cooperativas Agrícolas e Capitalismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1981, (col. Teoria e Prática Sociais), 155 p.

PINHO, Diva. **Gênero e Desenvolvimento em Cooperativas: Compartilhando Igualdade e Responsabilidades.** Brasília: ESETec, 2000, 150 p.

PUTNAM, Robert D. (1993/96) – **Comunidade e Democracia – A experiência da Itália Moderna** – Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

RIOS, Gilvando S. Leitão. **O Que É Cooperativismo.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, (col. Primeiros Passos), 72 p. ISBN 85-11-01189-7.

SANDRONI, Paulo, **Dicionário de Administração e Finanças.** São Paulo: Best Seller, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 22. ed. rev. Ampl. São Paulo: Cortez, 2002, 335 p. ISBN 85-249-0050-4.